

Metodologia qualitativa de pesquisa sobre a produção de sentidos intergeracional em comunidades rurais e quilombolas: entrevistas narrativas e argumentações

Júlio César dos Santos

Patrícia C. Campos Ramos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo

A articulação de diferentes métodos possibilita narrativas que perfazem as interpretações de si nas transições. A construção de explicações de si, nas narrativas, possibilita a identificação de mudanças de posicionamentos dos antepassados às gerações seguintes. Utilizamos como instrumentos as entrevistas: (a) de história de vida; (b) episódica; (c) semiestruturada, mediada por fotografias/objetos. Realizamos as análises temática, pragmática do discurso e a produção de sentidos. Observamos processos de negociação de conflitos de si com os outros, como também de si consigo mesmo. Concluímos que diferentes métodos colaboram para a identificação da produção de sentidos intergeracional.

Palavras-chave: produção de sentidos; ancestralidade; posicionamentos.

Abstract

The articulation of different methods allows narratives that make up interpretations of themselves in the transitions. The construction of explanations of self, in the narratives, allows the identification of the ancestors positions changes to the following generations. We use as instruments: (a) interview of life history; (b) episodic interview; (c) semi-structured interview, mediated by photographs/objects. We realize the thematic, pragmatic of the discourse and the production of sense analysis. We observe processes of negotiating conflicts with each other, as well as with yourself. We conclude that different methods collaborate to identify the intergenerational production of senses.

Keywords: *production of meanings; ancestry; positioning.*

Resumen

La articulación de diferentes métodos, posibilita narraciones que constituyen las interpretaciones de sí en las transiciones. La construcción de explicaciones de sí, en las narrativas, posibilita la identificación de cambios de posicionamientos, de los antepasados a las generaciones siguientes. Utilizamos como instrumentos: (a) entrevista de historia de vida; (b) entrevista episódica; (c) entrevista semiestructurada, mediada por fotografías / objetos. Realizamos los análisis temáticos, pragmáticos del discurso, de la producción de sentidos. Observamos procesos de negociación de conflictos de sí con los demás, como también de sí mismo. Concluimos que diferentes métodos, colaboró para la identificación de la producción de sentidos intergeneracional.

Palabra clave: *producción de sentidos; ancestralidad; ubicaciones*

Résumé

L'articulation de différentes méthodes permet des narrations qui engendrent des interprétations de soi au cours des transitions. La construction des explications de soi, dans les récits, permet l'identification des changements de positions, des ancêtres aux générations suivantes. Nous utilisons comme instruments: (a) l'interview sur l'histoire de vie; (b) l'interview épisodique; (c) l'interview semi-structuré, à l'aide de photographies / objets. Nous soumettons à une analyse thématique, pragmatique du discours, de la production de sens. Nous avons observé des processus de négociation de conflits entre eux, ainsi que dans soi-même. Nous concluons que différentes méthodes a collaboré pour identifier la production intergénérationnelle de sens.

Mots clés: *production de significations ascendance; emplacements*

Introdução

Neste artigo, abordamos a articulação de bases teóricas e princípios metodológicos que fundamentam a utilização de diferentes métodos e instrumentos em estudos qualitativos a respeito da produção de sentidos intergeracional. A abordagem multidimetodológica possibilita a compreensão da produção de sentidos nas narrativas e argumentações de pessoas sobre suas trajetórias de vida, eventos que participa(ram) e mudanças e permanências em práticas cotidianas (Campos-Ramos & Barbato, 2014; Mieto, Rosa, & Barbato, 2016; Santos, 2015). O uso de ferramentas etnográficas como a observação e, também, entrevistas individuais abertas, semiestruturadas e episódicas, corroboram na realização de estudos com pessoas nas atividades cotidianas de populações mais afastadas geográfica e politicamente, já que, tradicionalmente, a construção e interpretação dos dados sociais e históricos se concentram nos grandes centros urbanos (Cunha, 2000; Flick, 2010).

Estudos metodológicos contemporâneos (Mieto *et al.*, 2016) têm como tema a reflexividade nas dinâmicas da circulação dos sentidos intergeracionais constitutivos da experiência humana. Partindo de um *constructo* teórico, em estudos sobre a produção de sentidos intergeracional, a metodologia de pesquisa se direciona à construção das informações empíricas, através da mediação instrumental e simbólica, com novas formas sendo geradas pela observação do cotidiano. Na comunicação e interação do pesquisador com o participante, a atribuição de diferentes valores aos instrumentos e símbolos materializam a realidade, de acordo com necessidades

do momento, no sentido de engendrar *insights* para novos estudos teóricos. O pesquisador, ao interagir com os participantes, pode tender a realizar construções pessoais e anafóricas e, dessa forma, transformar sua concepção teórica a respeito da construção de informações no campo da pesquisa (Cunha, 2000; Flick, 2010; Gergen, 2014; Volosinov, 2006).

O pesquisador identifica, no *corpus* da pesquisa, as posições de si e do outro, na tentativa de não focar cada história e explicação, exercendo *epochê*, a suspensão do juízo e expectativas quanto às narrativas. Trabalha-se com mediações instrumentais e simbólicas, direcionadas pela pergunta e os objetivos da pesquisa, com enfoque na produção e significados nas histórias de vida dos participantes (Mieto *et al.*, 2016).

Uma teoria sobre a produção de sentidos funda-se na análise de textos concretos. As narrativas produzidas em uma variedade de gêneros textuais pressupõem, por sua vez, a variedade dos escopos do participante, em que cada enunciado é um elo na cadeia de outros enunciados. Os encadeamentos e as operações realizadas nos enunciados são descritos a fim de se desenvolverem análises textuais dos discursos. Na produção de sentidos em narrativas discursivas verbais ou não-verbais, as pessoas contam histórias sobre sua vida para si mesmas e para os outros, inserindo essas narrativas nos processos de produção de sentidos das comunidades, que são histórica e culturalmente situadas (Bakhtin, 2003; Gergen, 2014; Mieto *et al.*, 2016; Volosinov, 2006).

Questões metodológicas avançam e se retraem em estudos sobre a produção de sentidos como forma de compreensão de si, na condição de feixe de intenções humanas realizáveis e a serem realizadas. Em pesquisas sobre a compreensão de si, do outro e do mundo, são utilizadas ferramentas como a análise temática associada à pragmática do discurso no estudo do posicionamento e análise da produção de sentidos e significados (Mieto *et al.*, 2016). No entanto, ainda se encontram, nas interpretações deste tipo de pesquisa, dificuldades para privilegiar uma determinada história com base em sua correspondência única de mundo, pois, as histórias a respeito do mundo provêm da imersão de uma tradição de práticas culturais de gerações anteriores (Gergen, 2014).

Desse modo, alguns estudos interessam-se pelo desenvolvimento de métodos frente ao desafio da construção de um que considere como tema de estudo na Psicologia, com força explicativa sobre a circulação de sentidos de práticas culturais (Mieto *et al.*, 2016), as dinâmicas da circulação de sentidos intergeracionais, a exemplo daqueles presentes em experiências ocorridas na família.

As múltiplas vozes intergeracionais da família

Os discursos narrativos, nos espaços intersubjetivos onde são estudados, são crípticos e podem também produzir-se através de marcas nas lembranças de experiências significativas (Lubovsky, 2009) na família, cujas concepções variam social e culturalmente (Dessen & Campos-Ramos, 2010), e são construídas contínua e intergeracionalmente (Campos-Ramos & Barbato, 2014). A família pode ser conceituada, por exemplo, por suas formas de convivência, de constituição social e afetiva composta por qualquer dos genitores e seus descendentes, mesmo que não viva no mesmo domicílio. Juridicamente, no Brasil, a concepção de família é contemplada na Lei 9278 de 1996 (Senado Federal, 1996), que regula o artigo 226 da Constituição Federal de 1988, com atualização no artigo 1.723 do Código Civil, em 2002. Assim, as memórias familiares podem ser interpretadas na rede de significações sociais (Verón, 1987; Verón & Ford, 2006), em que recordações reverberam em narrativas e argumentações formadas por diferentes discursos, de pessoas que compõem as memórias coletivas, as experiências significativas e as práticas culturais (Mieto *et al.*, 2016; Silveira, 2012).

Ao contar as histórias de vida intergeracionais ou ouvir/ler narrativas sobre sucessos e insucessos de famílias na comunidade, concretizam-se transições no aqui-e-agora da constituição familiar. Nesses enunciados estão pessoas integrantes dos conflitos e negociações que, em muitos casos, são excluídos das narrativas de história de vida nas gerações posteriores, mas que estão na memória familiar. A cada instante, na memória pessoal e familiar entre gerações, um dado assunto pode se desdobrar em novas produções de sentidos intergeracionais que concretizam a circularidade dos significados sociais e culturais no tempo (Larrain & Hays, 2012).

Os membros presentes em seu cotidiano e, igualmente os que se foram, compõem a memória familiar intergeracional (Thompson, 1993) e se presentificam sendo mediados por instrumentos materiais e lembranças, bem como os que por alguma razão possam estar escondidos ou constituem-se em silêncios (Cannell, 2011). Os motivos se personificam em episódios idiossincráticos que reverberam em processos saúde-doença na família (Carter & McGoldrick, 2008; McGoldrick, 2003). Nessa racionalização do humano, por exemplo, o pai pode se objetificar numa foto, no espaço da certidão de nascimento, e também nas narrativas dos que contam as histórias mediadas por crenças e valores sobre ele, como por exemplo as da mãe (Falicov, 2003; Imber-Black, 1994; Tisseron & Harshav 2002).

A estrutura narrativa se constitui de reflexão sobre eventos. Assim, tecem-se episódios que deixam marcas nas experiências da pessoa (Gergen, 2014; Landini, *et al.*, 2015; Mieto *et al.*, 2016) cuja história pode ser vista como construída contínua e intergeracionalmente por narrativas de vários membros da família (Campos-Ramos & Barbato, 2014), possibilitadas por expressões baseadas em memórias pessoais e

imagens presentes e passadas que mobilizam lembranças de experiências pessoais e de outrem, produzidas no presente, e que tecem futuros possíveis no presente da narrativa. Os processos de negociação surgem na narrativa por meio de resultados em partilhas sociais de conhecimentos no contexto: negociação entre a experiência e a marca da história no curso de vida, bem como a negociação com interlocutores que se convencem ou não da veracidade da história.

Essas crenças e valores intergeracionais criam, nas famílias, múltiplos horizontes interpretativos do cotidiano e da história que se relacionam aos diálogos heteroglóticos, pluridiscursivos nos quais a palavra constitui microculturas entre o outro-eu. Nesses diálogos, palavras e valores provocam quebras e são negociadas, formando as línguas sociais, conjuntos de perspectivas de mundo, em que cada horizonte avaliativo pode materializar-se verbalmente (Faraco & Negri, 2010).

Ao participar desses diálogos, os signos dos seus antepassados podem ser disponibilizados na fala de alguém, numa imagem, num objeto que torna-se pivô na comunicação, na rede de significações que atualiza-se na interação (Volosinov, 2006). Fazendo uma analogia com o trabalho de Thompson (1992) sobre a transmissão cultural entre gerações nas famílias, somos respostas dos discursos familiares dos nossos pais e mães, avós, bisavós, e assim sucessivamente, sem desconsiderar que no tempo presente são distribuídos os interesses de diferentes gerações e pessoas na família. Quando tratamos das respostas dos discursos, fazemos referência à rede de semioses que nos interconectam histórica e culturalmente (Bakhurst, 2009) aos nossos ancestrais para além de nossas gerações. E ao identificarmos em nossa geração, pouco percebemos dessa rede de significados (Cresswell, 2011; Rogoff, 2005) devido às diferentes concepções que percorrem a própria família (Dessen & Campos-Ramos, 2010).

Em busca de múltiplos métodos para a produção de sentidos intergeracional em comunidades rurais e quilombolas

A fim de exemplificar brevemente a aplicação de múltiplos métodos com a sequência de tomadas de decisão, escolhemos a construção do método de um estudo a respeito da produção de sentidos intergeracional em narrativas e argumentações de homens de diferentes gerações de uma mesma família, no interior da Bahia, Brasil (Santos, 2015). A construção de informações empíricas ocorreu em Santo Antônio de Jesus – BA. De acordo com o censo do IBGE (2012), a região é composta por aproximadamente 28 mil domicílios permanentes, a população total do município é de aproximadamente 91 mil habitantes sendo que a população negra, composta de pessoas pardas e pretas, é de 69.901 pessoas. A presença da Universidade Federal

do Recôncavo da Bahia (UFRB) tem um significado para comunidade rural em Santo Antônio de Jesus – BA, pois é um local de intensificação das políticas públicas devido ao histórico de suscetibilidades sociais.

No estudo de Santos (2015) a observação foi realizada na feira livre para indicar famílias passíveis de participação na pesquisa, obtendo-se um resultado do contexto da situação. Para isso, foi realizado um primeiro nível de análise com temas relevantes construídos no estudo teórico. A aproximação do campo e a escolha das famílias realizaram-se mediante a apresentação do projeto aos diversos atores sociais implicados: lideranças rurais, gestores educacionais e de saúde tanto do município como da comunidade do Alto do Morro; também participaram da pesquisa integrantes da Associação dos Produtores Rurais da Toca do Índio, Produtores Rurais do Alto do Morro, lideranças escolares do Programa de Educação de Jovens e Adultos e a coordenadora do Programa de Atenção Básica do Município. Observou-se o modo como processava-se a interação entre os interlocutores, destacando-se: feirantes, moradores da cidade, produtores rurais e também caminhoneiros. A estratégia de observação teve a intenção de identificar possíveis participantes da pesquisa na constituição dos contextos situacionais, culturais e linguísticos.

Para isso, Santos (2015) aplicou metodicamente critérios de escolha à participação na pesquisa, de acordo com a metodologia qualitativa de entrevista narrativa e episódica: (a) homens nas posições de avô, filho e neto, este com mais de dezesseis anos de idade; (b) de três famílias rurais da referida cidade; (c) participantes de programas sociais do governo. Líderes de associações de produtores rurais no encontro em uma fazenda da cidade de pesquisa listaram dez famílias que, possivelmente atenderiam aos critérios. Das famílias sugeridas, em uma o avô apenas conversaria sem gravação, o pai aceitou e o neto não foi encontrado; em outra o pai era adotivo; outra falhava na composição do critério de avô, pai e filho homens na mesma família; três não foram encontradas e duas não estavam dispostas à participação na pesquisa por motivos de saúde de um dos possíveis participantes; as outras famílias nunca receberam benefícios sociais do governo. Esse episódio mostrou a ausência de famílias compostas de homens negros com três gerações nas posições de avô, filho e neto, e estes, quando vivos, dispostos ou em condições de participação na pesquisa.

O pesquisador mudou a apropriação do contexto sociocultural para a feira livre, com exposições às quartas, sextas e sábados entre às 04hs da manhã até às 10hs, para ressignificar conceitos sobre as famílias de afrodescendentes. Possibilitou-se assim a constituição do pensamento do participante através da suspensão do juízo de valor – *epochê*, com a intenção de preencher os critérios de inclusão na pesquisa. Na saturação conceitual da amostragem teórica, constituiu-se as atividades científicas pela construção de zonas de aproximação à microcultura do produtor rural em momentos de negociação do seu produto em sucessivas fases de busca às 4hs da madrugada. Os ajustes na concentração da atenção na observação do aqui-e-agora

são restrições às audiências para não perder de vista os incidentes de onde e com quem os dados seriam construídos.

Dessa forma, os feirantes direcionaram o pesquisador a um grupo de pessoas negras que falavam de forma que poucos entendiam. Eles moravam em uma região com apelido de Iraque, o Alto do Morro. As conclusões foram que somente os homens negros com vivências em locais ou comunidades isoladas rurais atenderiam aos critérios de participação no estudo. Encontramos significados desses isolamentos no processo de adoecimento provenientes dos insultos, piadas e brincadeiras (individuais/grupos) dos outros moradores da comunidade pelo modo de sobrevivência das famílias que incluíam: variações linguísticas, prática de capoeiras, participação em religiões e culinárias de matrizes afrodescendentes.

Com esse *constructo* foram notados elementos que não estariam no *script* de significações possíveis do que esperamos como pesquisadores. As hipóteses que orientam nosso fazer científico nos levam a comparar o mundo conhecível com o conhecido visto que os instrumentos que mediam as relações com o mundo exterior são os mesmos que potencializam e limitam nossas respostas a um mundo definível a partir da construção de um instrumento (Vygotsky, 2001) como o que buscamos para o desenvolvimento de um estudo sobre a produção de sentidos em comunidades rurais e quilombolas.

Devido à complexidade do trabalho de campo, houve preparo dos pesquisadores de diferentes formas nos grupos de pesquisa destacando a produção de cenários possíveis de interlocução que denominamos árvores de decisão. Para tanto, foram escritos alguns roteiros com anotações de possíveis trajetórias de responsividade além de meios para que as narrativas mantivessem-se fluído, fazendo perguntas, retomando eventos, caso houvesse enunciação precoce de finalização da narrativa (coda) etc..., a fim de manter o foco na produção de significados do narrador. A preparação tem a função de gerar possibilidades de um contexto de socialização adequado à troca e à negociação de significados próprios desse tipo de proposta metodológica.

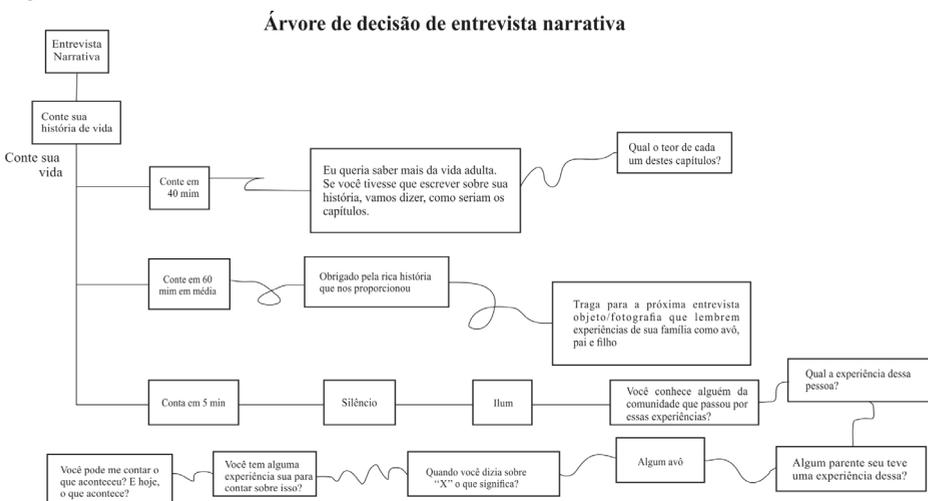
A entrevista episódica tornou-se uma tentativa de concretizar a ideia da triangulação interna do método por meio da combinação de entrevista do tipo narrativo e argumentativo, tendo em vista a qualidade das informações empíricas, das interpretações e dos resultados (Flick, 2010; Mieto *et al.*, 2016). Essas entrevistas podem utilizar estratégias como: (a) combinar narrativas de acontecimentos concretos com perguntas mais gerais para respostas mais amplas: definições, argumentações de relevância contextual; (b) mencionar situações concretas em que se supõe que o participante possui determinadas experiências; (c) permitir que o participante selecione episódios que quer contar e a forma de apresentação que quer dar. A construção da entrevista guiou-se por diferentes fontes: a experiência do pesquisador, dimensões teóricas da área, de resultados de outros estudos, da análise preparatória

com aspectos relevantes, com explicações sobre o teor das perguntas ao participante para familiarizá-lo com a prática. As aplicações mostraram que a entrevista episódica gera diferentes níveis de concretude, episódios repetidos com situações do cotidiano, exemplos abstratos de situações concretas e metafóricas, definições (França, 2007).

O roteiro de trabalho para a preparação de uma entrevista de qualidade inclui a produção de árvores de decisão (Figura 1), documentação detalhada e cuidadosa da entrevista e do contexto do dito e narrado; transcrição cuidadosa de toda a entrevista; análise detalhada da primeira entrevista; planejamento da entrevista episódica, podendo haver uma devolutiva, ao entrevistado, dos arquivos com a entrevista episódica e narrativa (Mieto *et al.*, 2016).

Outros avanços estão na constatação de que não existe, necessariamente, uma correspondência direta entre o que se diz nas entrevistas e a realidade (Flick, 2010; Gergen & Gergen, 2006). Na construção do roteiro de entrevista supomos que o participante construirá conhecimento com o pesquisador a partir da apropriação dos significados um do outro. Considerando-se as bases do materialismo histórico (Bakhurst, 1991), no qual o desenvolvimento implica o formato em que um momento é negado pelo outro, mas reaparece de modo transformado em etapas à frente, a estratégia da montagem do roteiro de entrevista leva em conta as considerações apontadas e os significados também fazem o mesmo caminho do desenvolvimento, em espiral (Bentes & Leite, 2010; Mieto *et al.*, 2016).

Figura 1.



A estratégia de observação, por sua vez, possibilitou a constituição dos contextos situacionais, culturais e linguísticos. Deste modo, a observação é utilizada em

locais de grande interesse público. Por exemplo, para participantes da zona rural, observamos a feira livre para pessoas passíveis de participação na pesquisa, obtendo um resultado do contexto da situação, considerado em um primeiro nível de análise, a partir do estudo teórico. No estudo exemplificado, a aproximação e escolha do campo realizaram-se mediante a apresentação do projeto aos diversos envolvidos, tais como as lideranças, os gestores educacionais e os da área da saúde. Observou-se o modo como se processava a interação entre os interlocutores, que na zona rural são os feirantes, produtores rurais, os clientes e também os caminhoneiros.

Caso o pesquisador ainda tenha insucesso na produção de um contexto, torna-se necessário mudar a apropriação sociocultural para ressignificação dos conceitos da observação inicial do campo com negociações entre os diversos interlocutores. Os ajustes na concentração da atenção, na observação do aqui-e-agora, constituem-se por restrições às audiências para não perder de vista os eventos de onde e com quem as informações empíricas são construídas.

Em exemplo da pesquisa na zona rural, ao ressignificar o contexto, o pesquisador voltou à feira livre em horários diferentes do primeiro momento: antes, pela manhã, na interlocução entre o feirante e o cliente, e no segundo momento, na interlocução entre o feirante e o atacadista, mais conhecido como atravessador. Vale ressaltar que a observação é uma forma de interlocução entre os atores da cena, entre pesquisador e pessoas que se observam mutuamente. Geralmente a entrevista episódica é realizada após uma primeira entrevista narrativa (aberta). Para tanto, escutamos atentamente a entrevista aberta e anotamos as perguntas que expliquem eventos, episódios, produção de sentidos.

A seguir (Figura 2) exemplificamos as narrativas e argumentações oriundas de uma entrevista episódica realizada em nosso estudo sobre produção de sentidos intergeracional em comunidades rurais e quilombolas a partir da seguinte solicitação: “Nesta entrevista eu lhe pedirei várias vezes que conte situações em que você teve experiência como filho, pai e avô”.

Figura 2. Entrevista episódica em estudo sobre produção de sentidos intergeracional em comunidades rurais e quilombolas

Sua mulher sempre quis filhos?	Quem escolheu esse nome? Alguém já contou essa história para você?	Entrevista Episódica - Adultos e Idosos	No futuro você vai estar fazendo as mesmas coisas?	Qual a diferença entre filhos e netos?
Como são seus irmãos?	Que atividades você realiza no S. João?	E no S. Cosme?	Conte sua experiência "X"	Quando olha o passado, que experiências vêm à memória sobre a família?
E sua mãe?	Lembra de como a comunidade se envolveu com essa notícia?	Na entrevista anterior, você contou "X", você acha que esta experiência se liga à foto/objeto que você trouxe?	<u>Parâmetros</u> 1 - O que aconteceu? 2- Isso é problema para você 3 - Conta mais	Como era sua família quando o senhor/você era criança?
O que seu pai fala de você?	Na época da foto acontecia alguma situação política na comunidade, na cidade, no país, que você lembra?	Na entrevista, pedirei a você várias vezes que conte de situações que teve experiência, como filho, pai e avô.	Você conhece alguém que tenha?	De onde você é?
Quando você começou a trabalhar?	O que ocorria na sua família no dia da foto?	Vamos ver as fotos que você me trouxe.	Qual a experiência dessa pessoa?	Como chegou aqui?
O que você procura passar para seu filho e neto que seu pai e seu avô lhe passaram?	Quem está aí?	Explique por que escolheu essas aqui.	Conte uma experiência que marcou sua vida na aquisição da terra e na aquisição da casa.	
Você sempre quis viver em família?	Alguém vai no médico com você?	Quando você vai ao posto de saúde, como é tratado?	Quando não puder trabalhar na terra, quem vai trabalhar por você?	
Conte como os filhos mudaram seu dia-a-dia	Alguém cuida de você?	Você pode me dizer qual mulher mais marcou sua vida?	Quais atividades marcam a sua vida?	
Você cuida de alguém da sua família?	Você se diverte?			

Na construção das informações empíricas o labirinto é uma perspectiva de conversação na qual o participante tem opções para a construção da sua história de vida; o pesquisador, em suspensão do juízo de valor, está em processo de aplicação de teorizações sobre a compreensão, nos movimentos da construção da ideia, nos silêncios como parte constitutiva dos episódios na escolha do local; na preparação do local pelo pesquisador e participante; os gestos, na formação do contexto fugaz intersubjetivo (Matusov, 2013; Mieto *et al.*, 2016). O labirinto pode, além de ser espaço de alternativas à produção de sentidos, envolver todos os falantes que apresentam-se em algum movimento polifônico, privilegiando a pessoa enquanto agente social de sua própria interpretação.

A conversação permite ao participante decidir que tipo de situação mencionar para explicar uma experiência específica. Logo, a entrevista episódica se direciona para a obtenção de narrativas diferentes daquelas situações que já foram de antemão definidas de acordo com critérios estruturados na preparação da pesquisa. Numa entrevista episódica dá-se especial atenção ao sentido subjetivo e social, considerando a experiência relatada pelo participante. Neste sentido, as polifonias, vozes de outras gerações e das mesmas gerações, reverberam no discurso do participante de modo que ele/ela, por várias vezes, constrói e reconstrói a si mesmo ao contar a sua história de vida, e em cada nova produção diferencia-se da anterior, atualiza-se em novos

significados (Bakhurst, 2009; Mieto *et al.*, 2016).

No processo de entrada no campo de pesquisa procura-se observar os contextos situacionais, socioculturais e linguísticos existentes e aqueles nos quais o participante em interação com o pesquisador permite construir com possibilidades de estruturação de significados que constituem a narrativa no presente. Assim, o pesquisador pode obter produções narrativas e argumentativas que possibilitem acompanhar cada evento: identifica esses eventos enquanto acontecimentos, atividades, objetos e ações, e os compara entre si em busca de similaridades e diferenças com agrupamentos em temas (Flick, 2010; Mieto *et al.*, 2016).

A extensão e a frequência de pausas são correlacionadas com os processos lexical e semântico das escolhas dos falantes. Analistas de conversação (Bentes & Leite, 2010) concentraram-se no silêncio como pausa. As interpretações sobre as pausas variam de acordo com sua colocação na interação, nas continuidades e descontinuidades da conversa. A pausa na enunciação realiza uma função na direção da conversa uma vez que o participante escolhe a ordem de importância, a mudança de sentidos, a coda, termo técnico que indica que o narrador encerrou a narrativa e a entrevista. O experimento de aumento do tempo das pausas no turno do pesquisador mostrou alterações importantes nos enunciados dos participantes de três gerações, tantos nos participantes do estudo de Santos (2015) como em Maroni, Gnisci e Pontecorvo (2008), com mais respostas especulativas, variedade de movimentos verbais e não verbais e frequência nas perguntas.

Por vezes ocorre a sobreposição das falas do pesquisador e do participante. A sobreposição é considerada como ausência de marcas no episódio entre participante e pesquisador. Constitui-se também uma forma explicativa de como a díade, em momento de monologia, toma a decisão pela fala sobreposta (Maroni *et al.*, 2008; Mieto *et al.*, 2016).

As análises de movimentos não verbais podem ser enfocadas com o método de análise microgenética e contribuem para o desafio de observação (Barrios, Barbato, & Branco, 2012; Valladares, 2011). As narrativas de experiências do cotidiano de mudanças podem distinguir um episódio com emoções presentes nos gestos e movimentos entre o participante e pesquisador que são relevantes para o resultado da pesquisa. As emoções presentes em gestos, movimentos e na fala constituem em significados, marcas emocionais que se constroem e reconstroem nas entrevistas narrativas e episódicas, com manifestações ideacionais/corporais na intersubjetividade tu-eu e eu-mim. Nas entrevistas, as emoções e sentimentos, estes últimos presentes nas reflexividades do impacto produzido pela emoção, se constituem na dinâmica de produção de sentidos e significados.

Participantes

Foram convidadas para o estudo em exemplo três famílias moradoras no município de Santo Antônio de Jesus, no estado da Bahia, contatadas no ponto de encontro mais comum do município, a Feira Livre. Os critérios de inclusão dos participantes subdividiram-se em: (a) família com composição intergeracional de avô, pai e filhos com mais de 16 anos; (b) moradores da zona rural com registro em órgãos de classe; (c) participantes de mais de um programa social como o Programa do Planejamento Familiar, Programa da Agricultura familiar e o Programa Bolsa Verde.

O pesquisador observou, durante a construção das informações empíricas, que entre as vozes dos homens e as reverberações polifônicas das políticas de Planejamento Familiar, do Plano Nacional de Saúde Integral à saúde do homem, havia outras vozes que constituíam o chão. Entre essas vozes entrevistamos os *policy makers*, a enfermeira chefe e o agente comunitário do Posto de Saúde no quilombo Alto do Morro.

Justificativa para a escolha das famílias

A inclusão de famílias usuárias do Programa do Planejamento Familiar do Governo Federal justificou-se pelo fato de o programa ser referência para as famílias na construção de uma trajetória de desenvolvimento através da medicalização da saúde sexual e reprodutiva feminina. Todas as pessoas, independentemente do nível de renda, tinham acesso ao programa do Sistema Único de Saúde (SUS). A escolha do participante de 16 anos deveu-se à média de idade da fecundidade, como também às expectativas da comunidade rural cuja perspectiva é a de que um jovem de 16 anos se sustente, cuide de outras pessoas e seja legalmente responsável. Este tem direito ao sufrágio universal e igualmente está apto a tirar carteira de trabalho, sendo provável estudante ou desempregado.

Instrumentos e Materiais

Instrumentos. Sessões de observação; diário de campo; entrevistas abertas, episódicas e semiestruturadas, mediadas por fotografias e objetos trazidos pelos entrevistados.

Materiais. Gravador digital, filmadora HD. Foram utilizados o gravador do computador, o gravador e a filmadora digitais.

Procedimentos para construção, tratamento e análise das informações

Tendo sido aprovado pelo parecer 31.378/2013, CAAE13431813.1.0000.5540 pelo Conselho de Ética em Ciências Humanas da UnB, possibilitou-se a base ética institucional para a construção das informações com seres humanos. Foram feitas duas sessões de entrevistas individuais, sendo a primeira sessão aberta do tipo história de vida, outra episódica, seguida por entrevista semiestruturada, mediada por objetos e imagens; construímos perguntas que direcionaram a conversa com flexibilidade para a observação sobre o contexto situacional e da linguagem em uso.

A entrevista teve como base uma pergunta geral a respeito da história de vida do participante e do contexto. A entrevista episódica propiciou um retorno à primeira enfocando, também, a produção dos sentidos do planejamento familiar e intergeracional dos participantes; em seguida, passou a ser mediada por imagens e objetos em relação à produção de sentidos sobre si, o outro e o mundo. A utilização do diário favoreceu a sistematização das anotações sobre as observações que foram construídas na interface entre o pesquisador e os participantes da família, enquanto as fotografias ou objetos foram utilizados como artefatos culturais para desencadear novas possibilidades de narração, bem como de negociação de significados, mediadores para a continuação da construção discursiva.

No primeiro encontro foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os que tinham idade acima de 18 anos, adaptado no caso de alguns profissionais colaboradores. Os participantes menores de 18 anos assinaram outro tipo de termo de consentimento. Após assinatura desses termos foi entregue uma cópia do documento a cada participante. Em seguida foi feita a entrevista aberta com a história de vida iniciando-se com a pergunta: “conte-me sua história de vida”. Após a primeira sessão foi solicitado que na sessão seguinte o participante trouxesse um objeto que lembrasse a família. Em seguida foi feita uma escuta prévia das entrevistas para constituir a entrevista episódica.

Na segunda sessão foi feita a entrevista do tipo episódica, semiestruturada, na qual foram explorados elementos da primeira entrevista a fim de que o participante explicasse, ilustrasse ou complementasse informações relevantes para o tema da pesquisa; foi pedido que relacionasse sua história de vida com o tema do planejamento familiar. Ao final foi solicitado que apresentasse uma fotografia/objeto que mais lembrasse a constituição familiar. Com base nessa fotografia/objeto foi solicitado também que falasse sobre a condição de homem, a estrutura familiar, o nascimento dos filhos, o orçamento doméstico, entre as mudanças no curso de vida.

Cada sessão de entrevista teve duração de ao menos 40 minutos, totalizando 1h30

horas para cada participante, 25 horas no total, considerando-se três participantes em cada uma de três famílias. Consideramos importantes as orientações da ética na pesquisa, portanto omitimos os nomes das pessoas e ao mesmo tempo constituímos uma nomenclatura substituinte que possibilitasse sua identificação de acordo com a sua posição na família 1, 2 e 3. Portanto a posição 1 é a de pai; 2, de filho; e 3, de neto. Assim, o participante na família 1, na posição de pai, tem a formação do seu nome como P11, na posição de filho na mesma família, P12 e na de neto, P13 e assim sucessivamente.

As gravações das entrevistas e histórias de vida foram transcritas na íntegra de acordo com o tempo de ocorrência das narrativas dos participantes em interação com o pesquisador. Para as transcrições das entrevistas foram definidas regras de acordo com a abordagem metodológica que estudamos, como também a partir de tentativas e experiências de degredadores do nosso grupo de pesquisa.

A variação linguística dos moradores da região Alto do Morro - afrodescendentes distantes do meio urbano em torno de 40 km em estrada vicinal cujas histórias de vida foram marcadas em interações comerciais com outros quilombos da região - apresentou diferenças de vocabulário, prosódia e fonêmica - o que gerou dificuldades na transcrição. Obtivemos as primeiras degredações através de tentativas avulsas realizadas por degredadores de Santo Antônio de Jesus/Bahia, alguns membros do grupo de pesquisa Saúde, Educação e Desenvolvimento - SAED da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, com aproximadamente 10 horas degredadas. Apesar do quilombo Alto do Morro estar na cidade, há pouca interação entre a linguagem dos degredadores e os participantes, acarretando dificuldades na compreensão da variação linguística, por exemplo, quando do uso das variações linguísticas no quilombo, como o *athe(h)* ou o *dizoitho*, ao invés de “até” ou “dezoito” eram inatingíveis, segundo bons transcritores.

Para avançar na degredação as entrevistas foram distribuídas entre alguns componentes do movimento negro que possuem experiências de pesquisa em entrevistas em quilombos no qual o resultado se constitui em objeto de estudo para a Psicologia. Foram realizadas muitas revisões para a linguagem em uso no quilombo, com ligações intergeracionais da culinária afrodescendente, palavras do cotidiano dos jovens na capoeira, na vida agrícola, na religião do candomblé e da umbanda, das parteiras para o nascimento dos filhos; e do tempo contado a partir das festas de São João, ocasião em que termina o plantio anual, as crianças entram de férias nas escolas e auxiliam os pais nas colheitas; as pessoas trocam presentes; pagam dívidas financeiras anuais agrícolas e dançam ao redor das fogueiras com fogos de artifício. Este processo de degredação durou seis meses.

A unidade de análise foi a enunciação, com foco na produção de sentidos individuais e intergeracionais, relacionados ao planejamento familiar. Após a transcrição foi feita uma sumarização ou descrição de cada sessão de entrevista. Utilizamos o conjunto

das entrevistas individuais como texto único e também os grupamentos de entrevistas por núcleo familiar para análise intergeracional. Os textos foram recortados de acordo com os temas e sentidos: a interpretação do participante sobre o tema; a vivência de si e do outro antes, no momento e após o evento ocorrido; a interpretação de si nos posicionamentos em relação a elementos de constituição familiar e política pública; o namoro em relação ao cuidado de si e do outro; paternidade em relação à estrutura familiar; o orçamento doméstico; esforço de trabalho; herança; experiências provenientes de condições de socialização; e permanência da família.

No primeiro nível de análise percorremos diversos níveis de aproximação das informações, concretizadas nas diferentes sessões. Em seguida os temas foram obtidos a partir de análise da estrutura temática e da informação; das unidades de estruturação textual rítmicas e em torno de conectores; sequências narrativas, considerando-se o jogo sistêmico entre redundâncias, ênfases das significações, os múltiplos significados. Para a construção de dados de pesquisa a partir do significado pelo uso do participante utilizamos as fotografias e artefatos buscando ressaltar a coesão, coerência do texto no intertexto ao contexto dos participantes.

Para avançar na compreensão das dinâmicas de posicionamento em relação ao tema estudado realizamos análise pragmática do discurso. Marcamos os posicionamentos-eu no discurso como indexicais da responsabilidade narrativa do participante. Outras marcações foram do ele/ela, como pronome anafórico, sem força indexical e a gente; nós = eu + você/ nós= eu+ ele/ nós = eu + eles com força social e anafórico ao mesmo tempo; e pronomes que indicavam quando o processo recaía sobre o próprio sujeito. Indicamos o “você” como direcionamento do interlocutor para um discurso mais informal. Compreendemos o ato de posicionar-se, identificando se era de pessoa a pessoa ou na interação com a constituição narrativa da microcultura; se a pessoa posicionava-se reflexivamente ou se a cada posição o outro é posicionado pelo mesmo ato.

Na narrativa enfocamos também a construção de um espaço intersubjetivo do silêncio direcionado à espera da responsividade do outro, como também o jogo polifônico das vozes intergeracionais que constituíam a narrativa. Identificamos se os silêncios compunham confrontos com o pesquisador ou eram colaborativos na construção de significados; se o silêncio na condição de liberdade de falar calava o outro ou se posicionava como limite a outros posicionamentos do pesquisador; se havia condições implícitas de produção de sentidos.

Desencadeamos outro procedimento a partir do contexto da pesquisa de campo, o que tornou necessária a análise de documentos da política de planejamento familiar e do Plano Nacional de Saúde Integral do Homem para a composição do chão da produção de posicionamentos e significados. Demos preferência à análise de conteúdo temática para explorar os temas em interação com as entrevistas.

Na mesma constituição do chão da produção de posicionamentos-eu, ao ouvirmos

os participantes falarem das atividades do Agente Comunitário de Saúde – ACS e da enfermeira junto aos moradores do quilombo do morro, constituímos uma entrevista semi estruturada com os temas mais expressivos dos participantes na interpretação dos profissionais de saúde em relação aos serviços disponíveis do programa do planejamento familiar; a participação dos jovens, adultos e idosos, como também os documentos que asseguram a disponibilidade dos serviços para os participantes.

Foi realizada análise do discurso através da identificação de elementos redundantes. Neste processo houve um constante “ir e vir” nos dados brutos, citações e anotações, através da leitura sequencial de cada entrevista com recortes nas diferentes posições em diferentes interações.

A partir dos diferentes níveis de análise foram elaborados os mapas semânticos dos discursos narrativos para destacar o posicionamento e as relações polifônicas e no tempo em processo de interpretação do Kayrós, o tempo das idiossincrasias; Aiôn, o tempo da experiência humana; e Chrónos, o tempo cronológico. A análise microgenética, como estudo das características do funcionamento humano em Kayrós, constituiu-se na dinâmica das interações linguísticas, translíngüística e observações das negociações de si e do outro no momento da narrativa sobre a crise sinalizada pelo ponto de mudança, que regula as narrativas. Enfatizamos a produção de sentidos intergeracional em Kayrós, a partir da análise microgenética, na qual nos detivemos aos episódios em que os significados se repetiam em outras gerações. Direcionamos a análise microgenética às polifonias entre gerações, através do estudo do movimento das emoções, as quais energizam a ação humana, o entendimento dos processos dinâmicos de mudança e a permanências das pessoas nas famílias. Estudos sobre a produção de sentidos, em eventos de crise e transição, são foco de pesquisadores como Rosa, González e Barbato (2009), que versam sobre como as pessoas agem em situação de crise potencial.

Compusemos estudos de caso de cada participante, contendo os resultados das análises: dialógica, da estrutura temática, da informação e de posicionamento, a partir do caráter enunciativo, fato que implicou a produção de sentido na intersubjetividade. A noção das marcas do sentido fundamentou-se na relação construída a partir da unidade de significação, em sequências de enunciados articulados que constituem blocos semânticos. A partir da interpretação das narrativas dos participantes ressaltamos as marcas das oportunidades substantivas bem como as desigualdades socioeconômicas em experiências pessoais de vivência de Aiôn ao Kayrós, presentes no texto.

A construção da análise se realizou a partir de sequências descritivas com enfoque nas possíveis relações temáticas por contigüidade e sua analogia com outros atores sociais. A preparação dos dados coloca à disposição os temas e subtemas em outros textos. Além disso, buscamos a relação temporal que associa o tema a outras histórias individuais e coletivas.

Considerações Finais

Neste artigo abordamos as práticas e princípios teórico-metodológicos que fundamentam a articulação de diferentes métodos, como as entrevistas abertas e semiestruturadas, para o estudo da produção de sentidos intergeracional em narrativas e argumentações de pessoas de três gerações de famílias pertencentes à comunidades rurais e quilombolas. A utilização de metodologia com múltiplos métodos possibilitou melhor compreensão da produção de sentidos em narrativas e as interpretações dessas pessoas sobre suas trajetórias de vida.

Há desafios nas entrevistas referentes aos processos de regulação de si e do outro em diferentes gerações que se constituem em formatos de aprendizados naquilo que pode ser dito em família, quem está autorizado a dizer, quando pode dizer, o que conseguiu entender, o que as pessoas entenderam e acharam importante transmitir, assim como os significados que se compõem de silêncios e o que se julga melhor não transmitir.

Encontramos instigações nas alternativas de uso de instrumentos/artefatos diferentes que adentram as zonas alternativas de sentido subjetivo com possibilidades de construção de observações mais sensíveis às diferenças culturais. Outros desafios são desencadeados quando pesquisador e participante interagem em atividades mediadas por objeto/artefatos, pela expressividade/índice de valor/emoções, importância das palavras.

E neste momento em que escrevemos esse texto a respeito da produção de sentidos intergeracional, estão em curso mudanças intersubjetivas na linguagem contextual em produção pelos participantes, além de mudanças no curso de vida dos participantes, e também no curso das nossas vidas, como pesquisadores.

Referências

Bakhtin, M. M. (2003). *Estética da criação verbal* (2a ed.). (M. E. G. P. Pereira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Bakhurst, D. (1991). *Consciousness and revolution in soviet philosophy: from the Bolsheviks to Evald Ilyenkov*, New York: *Cambridge University press*.

Bakhurst, D. (2009) Reflections on activity theory. *Educational Review*, 61(2), 197-210. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.periodicos.capes.gov.br

Barrios, A, Barbato, S, & Branco, A. (2012). El análisis microgenético para el estudio del desarrollo moral: consideraciones teóricas y metodológicas. *Revista de Psicología*, 30(2), 249-279. Recuperado em fevereiro de 2016, de <http://revistas.pucp.edu.pe>

Bentes, A. C, & Leite, M. Q. (2010). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez.

Campos-Ramos, P. C., & Barbato, S. (2014). Participação de crianças em pesquisas: uma proposta considerando os avanços teórico-metodológicos. *Estudos Psicológicos (Natal)*, 19(3), 157-238.

Cannell, F. (2011). English ancestors: the moral possibilities of popular genealogy. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 17(3), 462-480. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.jstor.com

Carter, B., & McGoldrick, M. (2008). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.). (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Cresswell, J. (2011). Being faithful: Bakhtin and a potential postmodern psychology of self. *Culture & Psychology*, 17(4), 473-490. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de <http://online.sagepub.com/>

Cunha, L. M. (2000). Sobre a competência comunicativa: uma descrição das práticas intergeracionais de uma comunidade rural brasileira. Dissertação de mestrado, PGL, UnB.

Dessen, M. A., & Campos-Ramos, P. C. (2010). Crianças pré-escolares e suas concepções de família. *Paidéia*, 20(47), 345-357. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.redalyc.org

Falicov, C. J. (2003). O significado cultural dos triângulos familiares. In: McGoldrick, M. *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. (M. Lopes, Trad.). São Paulo: Roca, 2003.

Faraco, C. A., & Negri, L. (2010). O falante: que bicho é esse, afinal? *Letras*, 49(0), 171-180, 2010. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2631555>

Flick, U. (2010) Entrevista episódica. In: Bauer, M. & Gaskell, G. (2010). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 114-136). Petrópolis:

Voices.

França, P. S. (2007). *Construção de significados e processos de identificação em jovens adultos com paralisia cerebral*. Brasília: Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2007.

Gergen, K. J. (2014). *From Mirroring to World-Making: Research as Future Forming*. Swarthmore College.

Gergen, M. M., & Gergen, K. J. (2006). Investigação qualitativa: tensões e transformações. In: N. Denzin, & Y. Lincoln, *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens* (pp. 367-388). Porto Alegre: Artmed.

IBGE (2012). IBGE @ cidades: O Brasil, município por município. [On line]. Disponível em www.ibge.gov.br

Imber-Black, E. (1994). *Os segredos na família e na terapia familiar*. (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Landini, F. et. al. (Orgs.) (2015). *Hacia una psicología rural latinoamericana*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.clacso.edu.ar

Larrain, A., & Hayé, A. (2012). The discursive nature of inner speech. *Review Theory Psychology*, 22(1), 3-22. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de <http://tap.sagepub.com/content/22/1/3.abstract>

Lubovsky, D. V. (2009). The Concept of Internal Position: The Cultural-Historical Perspective on Studying the Personality of the Schoolchild. *Journal of Russian and East European Psychology*, 47(4). Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.periodicos.capes.gov.br

Maroni, B., Gnisci, A., & Pontecorvo, C. (2008). Turn-taking in classroom interactions: Overlapping, interruptions and pauses in primary school. *European Journal of Psychology of Education*, 23(1), 59-76. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.periodicos.capes.gov.br

Matusov, E. (2013). *Comprehension: a dialogic authorial approach*. Paper presented at the Conference of the International Society for Theoretical Psychology, Santiago, Chile. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de <http://psych.ucalgary.ca/istp/>

McGoldrick, M. (2003). *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. (M. Lopes, Trad.). São Paulo: Roca.

Mieto, G. S. M., Rosa R., A., & Barbato, S. (2016). O estudo da produção de significados em interações: metodologias qualitativas. In: M. C. S. L, Oliveira, J. F., Chagas-Ferreira, G. Mieto & R. Beraldo (Orgs.), *Desenvolvimento humano: cultura e educação* (1ed., pp. 89-113). Campinas-SP: Alinea.

Rogoff, B. (2005). *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

Rosa, A., González, M. F., & Barbato, S. (2009). Construyendo narraciones para dar sentido a experiencias vividas. *Estudios de Psicología*, 30(2), 231-259. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.periodicos.capes.gov.br

Santos, J. C. (2015). *A produção de sentidos intergeracional de homens sobre o planejamento familiar*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, DF, Brasil. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.unb.br

Senado Federal (1996). Lei Nº 9.278. Brasília: Senado Federal. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.senado.gov.br

Silveira, F. J. N. (2012). Reverberações do simbólico: ponderações em torno da cultura popular e de suas modulações midiáticas. *Revista contemporânea comunicação e cultura*, 10(3), 794-816. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.scielo.br

Thompson, P. (1992). *A voz do passado: História oral*. (L. L. Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.periodicos.capes.gov.br

Thompson, P. (1993). *A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias uma abordagem centrada em histórias de vida*. São Paulo: Hucitec-Anpocs.

Tisseron, S., & Harshav, B. (2002). Family secrets and social memory in "Les adventures de Tintin". *Yale French Studies*, 1(102), 145-159. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.jstor.org

Valladares, J. T. (2011). La situación dialógica microgenética: uma estratégia de trabalho em el aula universitária. *Revista Electrónica Actualidades Investigativas em Educación*, 11(1), 1-20. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de <http://www.revistas.ucr.ac.cr>,

Verón, E. (1987). *A produção do sentido*. São Paulo: Cutrix.

Verón, E., & Ford, A. (2006). Dossier sobre experiencia y discurso. *Revista de Estudios Sociales*, 108(24), 39-44. Recuperado em 02 de fevereiro de 2016, de www.periodicos.capes.gov.br

Volosinov, V. N. (2006). *Marxismo e filosofia da linguagem* (12a ed.). (M. E. G. Pereira, Trad.). São Paulo: Hucitec.

Vygotsky, L. S. (2001). Problemas teóricos y metodológicos de la psicología. In: *Obras escogidas, tomo I* (pp. 1-140). (J. M. Bravo, Trad.). Madrid: A Machado Librós S. A.

Júlio César dos Santos (UFRB): *É professor na Universidade Federal do Recôncavo Bahiano. Doutor em Desenvolvimento Humano e Saúde (UnB), Mestre em desenvolvimento sustentável (UFES). Na ONU/PNUD e Unesco foi responsável pelo relatório integrativo da dimensão ambiental, sócio-cultural, institucional, e econômica da matriz de Washington-EUA a Brasília/Brasil. Foi diretor responsável pela saúde da comunidade Quilombola Baixa da Linha (cargo CD-03 Propaae-2008).*

Patrícia Ramos Campos: *Graduação em Psicologia e Licenciatura pela Universidade Metodista de São Paulo (1997/1998). Especialização em Psicopedagogia pela PUC-SP (2004); Mestrado (2008) e Doutorado (2015 em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB. Estágio de Doutorado sanduíche apoiado pela CAPES/PDSE na Universidade Autônoma de Madrid (UAM). Participação anterior em pesquisas do Laboratório de Desenvolvimento Familiar até o final de 2009 e, atualmente, no Grupo de Pesquisas Pensamento e Cultura. Experiência na área de Psicologia e Psicopedagogia Clínica desde 1998.*